

Unidos no combate ao melanoma

A presidente da direção do Intergrupo Português de Melanoma, Maria José Passos, fala-nos sobre a natureza e os riscos de uma patologia que marca, cada vez mais, a sociedade portuguesa. Ao longo da conversa, apresenta também a missão e as linhas de atuação da associação científica que dirige, em nome de um combate mais firme e integrado contra o melanoma.



O Melanoma cutâneo é o tumor maligno dos melanócitos, células responsáveis pela pigmentação da pele. Este tumor representa 5 a 10% das neoplasias malignas cutâneas mas, apesar da sua baixa frequência relativa, é o tumor que mais contribui para a mortalidade por cancro cutâneo (75-90% das mortes).

Desde a primeira metade do século XX que se tem assistido a um aumento progressivo da incidência e mortalidade desta neoplasia, tendência que se mantém em todo o mundo, apesar dos avanços no diagnóstico e tratamento do Melanoma Maligno Cutâneo. A magnitude do aumento de novos casos de melanoma não é comparável com nenhum outro tipo de cancro e é sobretudo preocupante, porque atinge com frequência adultos jovens, em fase de vida ativa produtiva. Este aumento deve-se não só a

uma maior informação da população, levando a um maior número de diagnósticos precoces, mas também ao aumento real do número de casos.

Em Portugal diagnosticam-se atualmente cerca de 1000 novos casos por ano e a incidência situa-se entre os 6 a 8 casos por 100.000 habitantes, sendo semelhante à verificada nos países do sul da Europa, como a Espanha e Itália. O melanoma pode atingir qualquer grupo etário, sendo relativamente frequente abaixo dos 30 anos e mais raro na infância e na raça negra. O risco de vir a desenvolver melanoma é praticamente sobreponível nos dois sexos, mas há diferenças consoante os países.

Fatores de risco e sinais de alerta

Frequentemente, os primeiros “sinais de alarme” que podem levar ao

diagnóstico clínico de melanoma consistem na alteração das dimensões, forma e cor de um nevo ou “sinal” já existente. O melanoma pode aparecer em qualquer localização do corpo, mesmo em áreas não expostas ao sol, como as palmas das mãos e plantas dos pés.

As pessoas de pele clara, sardentas, ruivas ou louras (foto tipos I e II), de olhos claros, nevos atípicos, com história de exposição solar intensa e intermitente (escaldões), sobretudo na infância, têm um maior risco de desenvolver melanoma. Saliento também a importância dos antecedentes pessoais de cancro cutâneo, incluindo melanoma e antecedentes familiares de melanoma.

Em geral há diferenças morfológicas que ajudam a distinguir as lesões dermatológicas suspeitas – os Critérios ABCDE (ver figura): Assimetria; Bordo irregular; Coloração castanha escura ou negra sobre um nevo atípico sugere a sua transformação em melanoma; Diâmetro superior a 6 milímetros pode corresponder a malignidade, pelo que estas lesões de-

vem ser excisadas e analisadas; Evolução: o “sinal” suspeito aumenta de tamanho, altera a sua forma e muda de cor, ou aspeto, ou cresce numa área de pele, antes normal. O aparecimento de prurido, hemorragia, ulceração sobre uma lesão préexistente pode também corresponder a malignização.

As pessoas de pele e olhos claros, louras ou ruivas, com múltiplos nevos atípicos devem ser regularmente observadas em consulta de Dermatologia, devendo ser fotografadas todas as lesões. Em certos casos, alguns destes nevos alteram a sua morfologia e devem ser retirados. É fundamental que os doentes estejam alertados para a importância de vigiar as alterações morfológicas dos nevos e o aparecimento de novas lesões cutâneas, consultando periodicamente o seu médico.

Nunca é demais salientar os cuidados que devemos ter em relação ao sol, devendo ser evitados os comportamentos de risco desde a infância, como a exposição solar intensa e prolongada, sem proteção, das 12h às





16h e a ida aos solários. É importante usar óculos escuros, protetor solar >30, uma camisa de preferência não branca, chapéu de pala com proteção das orelhas e evitar a exposição solar das 12-16h, hora em que a radiação ultravioleta é mais perigosa. É importante ter muito cuidado sobretudo com as crianças.

Apesar do excelente trabalho desenvolvido desde há muitos anos pelos dermatologistas portugueses na área da prevenção e diagnóstico precoce, ainda nos aparecem muitos casos de melanoma diagnosticados em fase

avanzada e negligenciados durante anos. É preciso continuar a trabalhar desenvolvendo novas estratégias de intervenção e sobretudo contribuir para a educação /formação em melanoma, da sociedade civil e dos profissionais de saúde, nomeadamente os clínicos gerais.

O melanoma, quando diagnosticado precocemente, pode curar-se em mais de 90% dos casos, apenas com cirurgia. Pelo contrário, se o diagnóstico é tardio torna-se agressivo e pode ser fatal, pois tem a capacidade de se espalhar (metastizar), por via linfática e

hematogénica, podendo atingir qualquer órgão. Em Portugal morrem cerca 20 a 22 doentes por mês com melanoma cutâneo maligno (dados mais recentes do INE).

IGPM: Combate unido ao melanoma

Trata-se de um grave problema de saúde pública que exige uma estratégia de intervenção eficaz, a vários níveis, o que só será possível se desenvolvermos um plano exigente, transversal a todas as áreas envolvidas no estudo, diagnóstico e tratamento do melanoma. Assim, em dezembro de 2012, resolvemos criar uma nova sociedade – o Intergrupo Português de Melanoma (IGPM). O IGPM é uma associação científica, voluntária e sem fins lucrativos constituída por investigadores e médicos de diferentes especialidades, interessados em desenvolver trabalho interdisciplinar nesta área. A maior parte destes profissionais tem vasta experiência no diagnóstico e tratamento de doentes com melanoma, em várias instituições nacionais.

As principais especialidades envolvidas neste momento são: dermatologia, cirurgia, anatomia patológica, oncologia médica, radioterapia e alguns colegas de investigação básica, radio-

logia e medicina nuclear. Queremos continuar a atrair para o IGPM mais profissionais que se interessem ou trabalhem em melanoma, com destaque para os jovens especialistas. Enquanto associação, temos como objetivos: Conhecer os profissionais que no nosso país tratam melanoma; Rentabilizar os recursos humanos e técnicos especializados existentes; Uniformizar critérios de diagnóstico e tratamento do melanoma em Portugal, tornando-os acessíveis a todos os doentes com esta patologia; Rentabilizar os meios de diagnóstico e tratamento; Desenvolver atividades de formação/ educação para a saúde, destinadas a diferentes grupos profissionais e sociedade civil; Pretendemos ainda promover a interligação com outras sociedades nacionais (APCC, SPO) e internacionais (EORTC Melanoma Group, Grupo Espanhol de Melanoma (GEM), Intergrupo italiano de Melanoma (IMM) com trabalho e interesse na área do Melanoma e com quem temos relações privilegiadas.

Desde 2013, o IGPM realiza anualmente um Simpósio Nacional. O mais recente realizou-se na Batalha a 21 de outubro e contou com a participação de mais de 100 profissionais desta área. Este evento constituiu-se como fórum de apresentação da atividade científica nacional, onde atualizámos e discutimos de forma interdisciplinar as temáticas mais relevantes, com implicações no diagnóstico e tratamento dos doentes com melanoma maligno, nos diferentes estádios da doença. Tem sido um êxito e apraz-me salientar que a adesão e qualidade científica das apresentações é cada vez maior, atraindo novos especialistas que, com o seu entusiasmo e saber, vão enriquecendo o IGPM, tornando-o uma referência nacional com futuro.

Em 2013, lançámos o primeiro livro técnico português sobre melanoma – “Melanoma 2013” – e contámos com a participação da maior parte dos especialistas portugueses nesta área. É nosso desejo, num futuro próximo, atualizar esta obra, fruto de um excelente trabalho de equipa. Já em 2016, aceitei o convite do Grupo de Melanoma da EORTC para receber e organizar, pela primeira vez em Lisboa, a re-

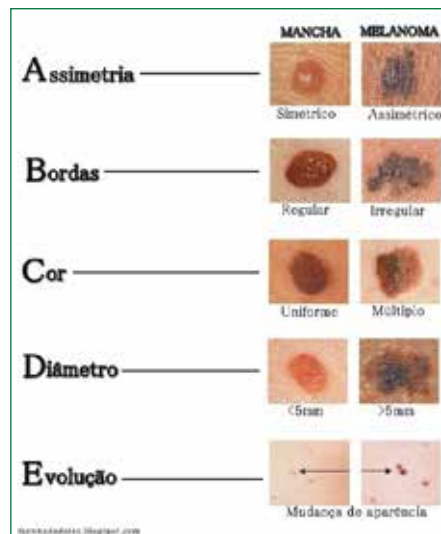


união daquele grupo europeu de que sou membro ativo há mais de 25 anos. Aproveitei essa oportunidade para realizar, na mesma ocasião, com a concordância da EORTC, o 4º Simpósio do IGPM. Foram três dias de trabalho intenso, mas muito enriquecedor para todos e que contribuiu para valorizar e credibilizar o IGPM, a nível internacional.

Próximas ambições e objetivos

No futuro continuaremos a fazer o Simpósio Nacional anual, como até aqui. O próximo terá lugar em outubro de 2018, cuja data e programa divulgaremos a seu tempo. Pretendemos ainda, até ao fim de 2018, elaborar as linhas de orientação nacionais para o diagnóstico e tratamento do melanoma nos diferentes estádios, de modo a uniformizar critérios de atuação a nível nacional. Neste momento, cada hospital rege-se pelas suas próprias “guidelines”, mas faz mais sentido estender os mesmos critérios a todo o país. Outro dos nossos objetivos será, como referido, publicar um novo livro sobre melanoma para profissionais. No entanto, são também ambições do IGPM prosseguir com ações de formação/educação para a saúde com profissionais e sociedade civil, incluindo doentes e familiares com melanoma.

Estamos abertos a colaborar com associações de doentes, de que é exem-



Conselhos da Liga Portuguesa Contra o Cancro

- Evite a exposição solar excessiva e as queimaduras solares, sobretudo nas crianças: os escaldões sofridos na infância aumentam o risco de cancro na idade adulta.
- Evite o sol entre o meio-dia e as quatro horas da tarde.
- Proteja sempre a pele com filtros de índice alto e largo espectro (anti UVA e UVB) e defenda-se usando t-shirt, chapéu e óculos escuros.
- Consulte imediatamente um médico se notar algum sinal suspeito ou uma ferida que não cicatriza.
- Sinais de alerta: se tiver dúvidas em relação a um sinal, lembre-se do ABCD: Assimetria, Bordo irregular, Cor não uniforme e Diâmetro (superior a 5 mm).

plo o Melanoma Brasil. Pela segunda vez, este ano no simpósio do IGPM organizámos uma mesa redonda com testemunhos de doentes com melanoma e seus familiares. Pela primeira vez tivemos entre nós uma convidada especial, Rebecca Montanheiro – presidente daquela sociedade brasileira – que nos contou a sua história, as dificuldades que enfrentou durante a doença e a necessidade que sentiu em criar aquela sociedade, atualmente muito ativa e reconhecida no Brasil. Esta mesa redonda, moderada pela Dra. Maria de Jesus Moura, psico-oncologista do IPO de Lisboa – a quem agradeço o seu apoio desde o início da atividade do IGPM – ultrapassou as nossas expectativas. A riqueza e partilha emoções, todos os testemunhos que ouvimos, na mesa e na plateia,



constituída por doentes e profissionais de saúde, deu-nos motivação para prosseguir o nosso trabalho nesta área. Queremos continuar a parceria com o Melanoma Brasil e, para tal, é preciso fazer um levantamento de necessidades dos doentes e familiares com melanoma e com eles estudar de que forma os podemos ajudar no futuro.

No futuro gostaríamos também de promover estudos de iniciativa dos nossos investigadores clínicos e ciência básica. Existem alguns grupos portugueses com linhas de investigação básica interessantes em melanoma, mas dispersos e longe dos clínicos. Como tal, no futuro seria importante haver mais comunicação entre clínicos e investigadores básicos e agregar os profissionais em torno de projetos com aplicação prática. Acho que seria aliciante e mais produti-

vo para todos trabalhar de outra forma, mas os incentivos são poucos e, como todos sabemos, fazer investigação em Portugal não é tarefa fácil. De igual modo, precisamos de apoio para construir um site para o IGPM. Mas quero aproveitar esta oportunidade para agradecer a todos o apoio que desde o início têm dado ao IGPM com o seu trabalho, entusiasmo e dedicação. E somos cada vez mais, o que significa que o projeto inicial do Intergrupo Português de Melanoma continua vivo e a sua importância é reconhecida por todos.

